

## RECENSÃO

### ***A SALA DAS PERGUNTAS* de FERNANDO CAMPOS**

CAMPOS, F. (1998): *A Sala das Perguntas*, Lisboa, Difel

Ana Margarida Ramos  
<http://sweet.ua.pt/~anaramos>

Num estilo e numa linha temática a que já nos vinha habituando, Fernando Campos continua fiel a um género de produção romanesca que vulgarmente designamos por romance histórico. À semelhança do que fizera em *A Casa do Pó* (1986) e também em *A Esmeralda Partida* (1995), procura, em *A Sala das Perguntas* (1998), preencher com a ficção os aspectos incompletos e as lacunas do discurso histórico oficial.

Seja a vida de Frei Pantaleão de Aveiro (sobretudo a origem e a ascendência), seja o reinado de D. João II (as crises e os problemas monárquicos, bem como o mistério que envolve a sua morte), seja, agora, o percurso de Damião de Góis (os problemas ligados à sua origem e depois à sua morte), figura ímpar do Portugal de Quinhentos, a verdade é que os romances de Fernando Campos reescrevem a História, tornam-na presente e acessível, reflectem-na, reflectindo também o momento presente e tudo quanto na História é repetição.

O contexto escolhido não podia ser mais propício à reflexão. Vive-se uma das maiores crises sociais de que a Europa guarda memória. A cisão ocorrida no seio da Igreja pela Reforma de Lutero e Calvino; a reacção radical do papado; a vigência da Inquisição; a situação contraditória de Portugal (decadente, sob os efeitos de uma crise económica e social grave e, ao mesmo tempo, imperial, descobridor e “evangelizador”) e o contacto com Erasmo e alguns dos humanistas mais marcantes do século, são alguns dos aspectos que marcam definitivamente a personalidade e a visão do mundo de Damião de Góis, que conviveu com o que de melhor e de pior caracteriza a Europa e o Portugal de Quinhentos.

É por isso que é em Lisboa/Alenquer e em pleno centro da Europa, dividida ao meio pelas crises religiosas do século XVI, que se situam as memórias de Damião de Góis, narrador autodiegético, que reflectem não só os acontecimentos históricos que presenciou, as personalidades que conheceu, como também as ideias e os princípios com os quais conviveu e pelos quais se deixou penetrar.

Um pouco na esteira de *A Casa do Pó*, todo o romance gira em torno de um segredo, mais ou menos bem guardado, sobre a verdadeira paternidade de Damião de Góis. Contudo, o romance não se centra no desvendar desse segredo (porque o narrador conhece o seu conteúdo praticamente desde o início), mas na procura do conhecimento do “eu”, das suas crenças, ideais e afectos, da sua relação consigo próprio e com os outros e, sobretudo, com a complexidade do momento histórico em que vive. É justamente o conhecimento desse segredo que lhe irá proporcionar, por exemplo, uma relação privilegiada com as figuras da corte, uma educação cuidada e a posição destacada que lhe permite viajar praticamente por toda a Europa.

Apesar de só ser totalmente explicado já perto do final do romance, no momento em que o narrador assiste à representação de *Anfitriões* de Camões e vê transposta para a cena a verdadeira história da sua concepção e da sua origem, desde as primeiras páginas, ao longo de todo o romance, vários são os indícios que nos apontam para a ideia da filiação de Damião de Góis em D. Manuel I. Apesar de descentrado da figura do Rei e do reinado e até, em certos momentos, de Portugal, podemos perceber este romance, em certa medida, como uma continuação de *A Esmeralda Partida*, no sentido em que, se no anterior romance tínhamos uma crónica alternativa dos reinados de D. Duarte, D. Afonso V e D. João II (1433 - 1495),

agora seguem-se as crônicas ficcionadas dos reinados de D. Manuel I, D. João III, regência do Conde D. Henrique e reinado de D. Sebastião (a narrativa abrange o período compreendido entre 1501 e 1574). Contudo, ao contrário do que acontecera no romance anterior, assistimos a um apagamento das figuras reais e daquelas que estão intimamente relacionadas com elas, em detrimento de uma maior evidência dada à figura de Damião de Góis, ou não tratasse o romance de reconstituir, recriando, as “memórias” desta personagem. Continuamos a assistir a uma preferência especial do escritor pelo discurso em primeira pessoa, só que, desta vez, não é um ou vários “eu(s)” que narram a história de outra personagem, mas é o próprio herói da narrativa que, *a posteriori*, dá conta dos aspectos mais relevantes da sua vida até ao momento em que é, bruscamente, interrompido pelo próprio assassino. Este discurso sob a forma de memórias (e por isso distanciada temporalmente do tempo narrado), encontra-se encaixado no romance entre dois excertos de uma outra narrativa, posterior em relação ao tempo narrado, que relata a exumação em 1941 do cadáver de Damião de Góis e a descoberta do seu manuscrito. É no primeiro destes excertos que encontramos um conjunto de perguntas às quais o segundo vai dar resposta, com a exceção de uma - a do causador da morte de Damião de Góis, bem como da sua motivação.

Assim, o romance termina mantendo em aberto um vasto leque de questões, propiciando leituras de aproximação ao discurso e ao estilo policial, com a presença de um conjunto de notas de *suspense*, de crimes por resolver, de paternidades não totalmente assumidas, de segredos enterrados em covas fundas, mas sussurrados pelas canas do canavial, prendendo a atenção do leitor até ao último minuto.

Destaque-se também, no seguimento das suas obras anteriores, a habilidade do romancista em mover-se entre personagens referenciais, facilmente reconhecíveis, reconstruindo-as, recriando-as, problematizando o seu interior sem lhes alterar de forma profunda as suas características principais. É este o caso do próprio Damião de Góis, mas é também o de Gil Vicente, Luís Vaz de Camões, o dos reis D. Manuel I, D. João III, o de Erasmo, Lutero, Garcia de Resende, João de Barros, Tomás Morus, André de Resende, Inácio de Loyola, entre um grande conjunto de personalidades, portuguesas e estrangeiras, que marcaram, decisivamente, o percurso de Damião de Góis, o de Portugal, afinal o do Mundo. Mas, para além das personagens, temos também que referir toda a reconstrução de uma época, a recriação de espaços e de ambientes, a evocação de eventos que suportam a intriga. Exímio contador de histórias, o narrador é também um hábil pintor de cenários. A presença da cor local na descrição de festas e serões da corte, dos desfiles reais, na descrição de elementos arquitectónicos como são o Mosteiro dos Jerónimos ou o mosteiro da Batalha (só para referir os exemplos portugueses), as descrições das cidades e dos seus pormenores (portos, igrejas, ruas, casas, estalajens), a reconstrução das viagens da época (por mar ou por terra), a descrição de pinturas e outras obras artísticas são apenas alguns dos exemplos onde a aproximação à época histórica retratada é evidente e amplamente conseguida, pela própria aproximação linguística e ideológica.

Embora Fernando Campos tenha diminuído de forma significativa o número de notas que inclui nos seus romances (lembramos todo o conjunto de notas explicativas finais dos seus romances históricos anteriores, onde o autor autenticava personagens, espaços e estilos, incluindo bibliografia), a verdade é que ainda é visível a sua preocupação em distinguir o que no seu romance é realidade e ficção, em justificar as razões da escolha das personagens e os motivos que o conduziram até à ideia de colocar Damião de Góis como filho natural de D. Manuel I. Realidade ou pura ficção, a verdade é que esse aspecto, mais ou menos inventado, mais ou menos deduzido da interpretação da História, não retira qualquer verosimilhança à intriga e encontra-se perfeitamente integrado nela e entretido com os aspectos reais, como sejam as obras de Damião de Góis ou as suas numerosas viagens. Um pouco ainda à semelhança de Walter Scott e de toda uma produção consequente de romance histórico, *A Sala das Perguntas* surge como um romance onde História e Ficção se encontram

de múltiplas e variadas formas, sem contradições nem desconstruções. Olhar o passado e a História é, de acordo com este romance, reflectir sobre o presente, sobre o evoluir dos acontecimentos, tomar consciência de como tempos históricos tão distantes parecem subitamente tão próximos e de como as questões que se colocam ao ser humano hoje são, afinal, as mesmas de ontem, talvez de sempre. Temas e valores como a Liberdade, a Cultura, o Conhecimento, a Fé e a Religião, o Amor ou até mesmo a reflexão sobre a condição de Portugal no mundo e o que é ser português encontram aqui espaço e protagonistas, cada um com a sua forma de ver e pensar o mundo. Talvez a resposta para os problemas da Humanidade esteja justamente na diferença e sobretudo no respeito por essa diferença. A História o dirá.